

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O CINEMA DA ESTÓNIA: UM NINHO AO VENTO

15 de Abril de 2023

RUHNU / 1965

um filme de ANDRES SÖÖT

Realização, Fotografia: Andres Sööt *Argumento:* Üllo Tuulik, Ott Kool *Música:* Ivalo Randalu *Produção:* Tallinfilm (Estónia / período URSS, 1965) *Cópia:* Instituto de Cinema da Estónia, ficheiro digital, preto-e-branco e cor, legendada em inglês e electronicamente em português, 11 minutos *Título internacional:* Ruhnu Island *Estreia:* 1965, na URSS; 27 de Novembro de 2018, na Estónia: Tallinn Black Nights Film Festival *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

PIKK TÄNAV / 1966

“A RUA PIKK”

um filme de HANS ROOSIPUU

Realização, Fotografia: Hans Roosipuu *Argumento:* Lennart Meri *Som:* Enn Säde *Música:* Kukdar Sink *Montagem:* Jaan Ruus *Produção:* Tallinfilm (Estónia / período URSS, 1966) *Cópia:* Instituto de Cinema da Estónia, ficheiro digital, preto-e-branco e cor, sem diálogos, 10 minutos *Título internacional:* Pick Street *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

511 PAREMAT FOTOT MARSIST / 1968

“AS 511 MELHORES FOTOGRAFIAS DE MARTE”

um filme de ANDRES SÖÖT

Realização, Fotografia: Andres Sööt *Argumento:* Enn Vetemaa *Som:* Ülo Saar *Montagem:* Jaan Ruus *Produção:* Tallinfilm (Estónia / período URSS, 1968) *Cópia:* Instituto de Cinema da Estónia, ficheiro digital, preto-e-branco e cor, legendada em inglês e electronicamente em português, 14 minutos *Título internacional:* 511 Best Photographers of Mars *Estreia:* 13 de Janeiro de 1969, no cinema Pioneer (Talin) *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

KODUKÜLA / 1969

“ALDEIA NATAL”

um filme de PEEP PUKS, PEETER TOOMING

Realização: Peep Puks, Peeter Tooming *Argumento:* Osvald Tooming *Fotografia:* Peeter Too *Montagem:* Eevi Säde *Música:* Kuldar Sink *Produção:* Tallinfilm (Estónia / período URSS, 1969) *Produtor:* Vaike Mesola *Cópia:* Instituto de Cinema da Estónia, ficheiro digital, preto-e-branco e cor, legendada em inglês e electronicamente em português, 11 minutos *Título internacional:* Home Village *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

KHINU MEES / 1989

“HOMEM DE KHINU”

um filme de MARK SOOSAAR

Realização, Argumento, Fotografia: Mark Soosaar *Montagem:* Eha Meier *Produção:* Tallinfilm (Estónia / período URSS, 1989) *Cópia:* Instituto de Cinema da Estónia, ficheiro digital, preto-e-branco e cor, legendada em inglês e electronicamente em português, 51 minutos *Título internacional:* Man of Kihnu Face *Estreia:* 3 de Outubro de 1986, em Talin *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

É uma surpreendente sessão de cinema documental vindo do território dos anos 1960 (os quatro primeiros títulos de curta-metragem) e de finais dos 1980 (a última média-metragem), e navegando entre as

coordenadas urbanas e rurais das visões de Andres Sööt (*Ruhnu* e *511 Paremat Fotot Marsist* são ótimas descobertas), Hans Roosipuu, Peep Puks e Peeter Tooming, Mark Soosaar (*Khinu Mees* é um relevante título documental desta cinematografia). O alinhamento cronológico posiciona o filme de Soosaar no final da projecção, mas começamos por aí, e portanto no golfo de Riga. A ilha de Khinu, a cultura e a vida da sua comunidade, são o centro do filme que volta a esse território – “um pedaço autêntico de Estónia que é nosso dever preservar” – cerca de uma década depois de aí ter filmado *Khinu Naine* (“*As Mulheres de Khinu*, 1974), e inserindo-se no clamor das vozes que então referiam a urgência democrática e reformadora. A coragem da constatação e franqueza do retrato crítico da realidade vigente, ainda na época soviética da URSS, participa claramente da aura do filme.

Khinu Mees (“*Os Homens de Khinu*”) tem por protagonistas os habitantes masculinos da ilha, configurando a digressão poético-político-sociológica do filme um olhar severo sobre a situação de torpor generalizado que a assombra. “A pesca e a caça da foca foram durante séculos uma pulsão para os homens de Khinu. Trazer comida para casa não era só trabalho, mas aventura em alto-mar. Às mulheres cabiam as tarefas de fazer pão e tricotar...” É assim que o *off* arranca, com o filme, sobre material provavelmente repescado de *Khinu Naine*. Num grande plano do farol poucos instantes depois, a imagem muda para a cor do presente da acção: “Muita água e gelo passaram sob o mar desde então. As focas já só podem ser vistas no Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas [...] o povo de Khinu também assentou arraial nas ilhotas de Manija, Ruhnu e Sorgu. Pessoas que não falam o dialecto vivem actualmente em ilhas de cultura khinu. O nosso filme pretende questionar a possibilidade de sobrevivência da cultura khinu.” Fica dado o tom, imergindo a viagem numa radiografia da comunidade, do que subsiste das suas tradições, folclore, modos de vida, mas também da sua auscultação, das ameaças muito concretas – e estatísticas – que afundam a população no consumo excessivo de álcool e na perda de vínculo. A construção inteligente do filme, a fotografia irrepreensível, a acutilância que vai das imagens ao discurso, directo ou *off*, propõe uma vacilante resposta à questão de partida devolvendo-a à comunidade. Que preserva apesar de tudo o sentido de humor, a aferir pelas declarações da velhota que, caso esta se colocasse, brinca com a possibilidade de casar com um homem que não de Khinu.

Sentido de humor sobeja a “*As 511 Melhores Fotografias de Marte*” de Andres Sööt, mas dele vemos primeiro *Ruhnu* que abre a sessão insularmente como *Khinu Mees*. Num poético preto-e-branco de assinalável sensibilidade fotográfica, a ilha piscatória de Ruhnu, na região de Saaremaa, é motivo e cenário da digressão poética de Sööt na sua obra de estreia. A beleza plástica, o ritmo que casa com a tranquilidade aparente do dia-a-dia portuário e de faina no mar foram lidos como tendo contribuído, de forma pioneira, para a afirmação de um discurso nacionalista nos anos 1960. “*A Rua Pikk*”, de Hans Roosipuu (fotógrafo de formação), inflecte a sessão da paisagem rural ou marítima para o cenário citadino de Talin, numa espécie de sinfonia urbana deslocada no tempo, atenta aos ritmos diurnos e nocturnos da cidade, aos seus movimentos exteriores e ao burburinho interior por trás das fachadas dos edifícios. É um belo filme de montagem, simplifique-se assim, em que, dispensando os diálogos, o uso do som é um elemento primordial que a força visual do filme não ilude. A passagem para “*As 511 Melhores Fotografias de Marte*” aproveita o embalo: o *off* fala-nos da vida em Marte enquanto, em campo, nos são dados a ver os movimentos dos cafés e bares de Talin em finais dos anos 1960, entre os quais o “Pérola” e o “Moscovo” referenciados como lugares lendários da cidade. Os relatos da vida em Marte pré-David Bowie e a poesia de Arturo Alliksaar lida por Aarne Üksüla colidem graciosamente com os planos na Terra como se as bandas de som e imagem co-existissem com absoluta autonomia captando sentido no absurdo da ligação. é terrena a “Aldeia Natal” realizada por Peep Puks e Peeter Tooming, ancorada no interior da paisagem da Estónia onde a desertificação e a pobreza concorrem para a sua percepção como “uma ilha”. Apressada por força das circunstâncias, esta “folha” não fará justiça aos títulos da sessão que apresenta cinco títulos a que vale a pena estar atento.